

O C.O.D.A. (CHILDREN OF DEAF ADULTS) TRADUTOR-INTÉRPRETE DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS: UMA IDENTIDADE EM (DES) CONSTRUÇÃO.

Laura Jane Messias Belém – MEC- INES/DESU/RJ¹

Eixo temático: Tradução/interpretação de língua de sinais: identidades em questão.

Resumo

Este artigo tem por objetivo refletir como os Codas - filhos ouvintes de pais surdos - se veem e têm se constituído como profissionais Tradutores e Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, no espaço histórico do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, como servidores federais empossados por meio de concurso. Os Codas muitas vezes são introduzidos na função de interpretar desde cedo, tendo sua representação marcada por uma identidade profissional perpassada nas experiências com/na surdez. Realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa, na perspectiva dos Estudos Culturais de identidade e diferença, com entrevistas semiestruturadas envolvendo 05 (cinco) profissionais da instituição, do Departamento de Ensino Superior - DESU e do Departamento de Educação Básica - DEBASI. As análises das entrevistas basearam-se no constructo resultante das informações obtidas durante a pesquisa, trazendo à tona temáticas pertinentes às próprias experiências vividas por cada um dos intérpretes, enquanto Codas e profissionais das línguas de sinais.

Palavras-chave: Coda, Diferença, Identidade e Língua de Sinais.

Introdução

Ser um 'igual' fora o papel que lhes coubera, e a tarefa a eles entregue. Pertenciam a uma casta. O papel que cumpriam, com certa emoção e com dignidade, era o de pessoas anônimas, o de filhos de Deus, como um clube de pessoas. (Os Obedientes, C. Lispector)

No ano de 2012 realizou-se o primeiro concurso público para Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS no provimento de vagas do Quadro Pessoal do Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES, e em 2013 tomaram posse trinta e dois profissionais para atuarem como intérpretes educacionais, dentre eles, seis Codas², onde cinco foram lotados no Departamento de Ensino Superior – DESU - Faculdade de Pedagogia Bilíngue, e o sexto, no Departamento de Educação Básica - DEBASI.

¹ C.O.D. A e Mestre em Educação pela UNIMEP – Piracicaba/SP. Certificada pelo PROLIBRAS-MEC nas categorias Intérprete e Instrutora em LIBRAS. Tradutora e Intérprete de LIBRAS concursada do INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos, lotada no DESU – Departamento de Ensino Superior – Faculdade de Pedagogia Bilíngue. Contato: laurajanemb@yahoo.com.br

² C.O.D.A.s (Children of Deaf Adults), ou filhos ouvintes de pais surdos, são reconhecidos como sujeitos que vivem uma experiência única, afetados pelo trânsito entre a fronteira linguística das pessoas surdas e ouvintes, tornando-se assim, pessoas com características peculiares pela forma como se relacionam com o mundo e o seu entorno.

O momento da posse tornou-se histórico, porque além do INES ser um centro de referência nacional e até, internacional de educação de surdos e, de toda a história da surdidade brasileira, reflete-se num espaço ideológico das relações sociais, onde o *signo – consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação* (BAKHTIN, 1995, p.44), tende a uma *arena* das lutas de classes que promovem a sua evolução e das línguas que por lá circulam, tornando-se um espaço de excelência e vivo, para a comunidade surda. Outro concurso foi promovido em seguida, e nesse ano corrente encontram-se entre os aprovados, mais alguns intérpretes Coda que farão parte desse cenário carregado de historicidade, conservando ainda traços atemporais, conforme se pode observar na fala dos entrevistados para essa pesquisa.

Objetivos: Ser em não sendo, sendo...

Diante da ideia de que as produções linguísticas são criações sociais e culturais e, não da essência e, de que tanto a identidade, como a diferença, precisa ser ativamente produzida (SILVA, 2000), o objetivo dessa pesquisa procura verificar *se e como* ocorrem(ram) esses pressupostos no profissional Coda. Com base nos relatos das experiências desses sujeitos que vivem hoje um *status* profissional dentro de um espaço acadêmico passível de lembranças, de aprendizado e conhecimento, faz-se necessário saber se existe algum *modus operandi*, o quanto as marcas indelévels desse seu outro - tanto o surdo quanto o ouvinte, contribuem(íram) no ofício de seu trabalho; além das possíveis influências e contribuições na construção do ser, ou nas/das práxis da interpretação.

Os mitos construídos em torno dos Coda dão conta da existência de uma suposta vocação fortemente ancorada na relação familiar, no grau de consanguinidade da profissão de intérprete, e assim sendo, os descendentes ou filhos dos surdos são conclamados herdeiros por excelência no/do uso da língua. O trânsito em dois contextos culturais distintos e específicos, ao mesmo tempo antagônicos, leva-nos a questionar sobre qual estratégia se vale o filho de pais surdos, quando intérpretes, para o uso da sua língua de sinais.

Uma identidade sendo forjada nas relações (WOODWARD, 2000) e, tomando como linha de pensamento a identidade Coda dependendo do seu outro para existir, leva-nos a elencar esses “outros” no cotidiano desses sujeitos: os que **são** e os que **não são** filhos de pais surdos – os seus pares Coda e os não-Coda; o surdo, incluindo aí, seus pais, que têm o sujeito ouvinte

como seu outro opositor, incluindo-se aí, seus filhos ouvintes; e mais ainda, os “outros surdos”³, nas suas várias identidades constituídas ou se constituindo.

Nessa perspectiva poder-se-ia pensar no sujeito Coda se metamorfoseando num profissional intérprete na troca com seus outros, o que Skliar chama de ‘experiência pensada’, um *ato de ser com a responsabilidade ético/cultural de um povo* (SKLIAR, *apud* QUADROS & PERLIN, 2003, p.5). Hall (2000) sinaliza como parte dos processos inconscientes de formação da subjetividade e da identidade, na existência de um “eu” inevitavelmente performativo.

Alguns desses Codas são oriundos de meios constituídos somente por seus pais surdos, outros têm ainda como referenciais mais outros surdos: os avós, os tios, os primos, entre outros, sendo considerados eles os “diferentes” na família.

Metodologia da pesquisa

A opção por uma entrevista *semidirigida* (com perguntas abertas), registradas em áudio gravador e depois transcritas e analisadas possibilitou reunir as informações de forma bem fluída, por conta das intervenções e familiaridade do entrevistador às problemáticas trazidas e compartilhadas junto aos pares profissionais. Dessa feita permitiu-se uma conversação, numa reciprocidade entre parceiros iguais⁴, na *flexibilidade pelo contato próximo com o sujeito, pela possibilidade de colher sua atitude geral ante uma pergunta. [...] criar uma atmosfera de confiança* (BOSI, 2012, p.200).

Cinco intérpretes Codas foram entrevistados, entre homens e mulheres, alguns bem jovens, outros mais maduros, sendo quatro deles oriundos do primeiro concurso realizado pelo INES, três, lotados no DESU, e um no DEBASI. O quinto entrevistado passou no último concurso realizado e ainda não tomou posse, aguardando os trâmites comuns ao processo seletivo.

Essa modalidade de coleta de dados, além de resgatar informações interessantes, surgidas na informalidade da entrevista e, marcadas pela subjetividade de cada entrevistado, permitiu ampliar novos conhecimentos constituídos nas/das relações intérprete Coda com o universo de uma profissão em ascensão.

³ Os que são e os que estão sendo, conforme diz Perlin (2003) os que se constituem em meio a uma representatividade ouvinte, aqueles que reinventam a si mesmo como transformadores e que sofrem a *metamorfose* na construção de suas identidades, os que resistem ou que se fragmentam nas trocas com os ouvintes.

⁴ Segundo Fontanella, Campos e Turato, nesse tipo de pesquisa o investigador apesar de exercer a mesma profissão que o entrevistado, deve conduzir a conversação como aquele de detém certo conhecimento científico enquanto a pessoa convidada assume o papel de receptor da abordagem técnica. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-92006000500025&script=sci_arttext&tlng=pt
Acessado em 28/07/2014.

Resultados e algumas conclusões

Pode-se dizer que o sujeito aprende num mesmo tempo a tornar-se sujeito e objeto, a ter consciência de sua pessoa e de sua profissão [...] *a fazer de si uma imagem como que exterior a si mesmo e em conformidade com exigências que lhe reduzem a absoluta espontaneidade e a subjetividade inicial* (WALLON, *apud* CLOT, 2006, p. 80). Durante as entrevistas, as narrativas se cruzavam e se repetiam, e as análises foram sendo tecidas a partir dessas observações:

a) **O que os levava a fazer o concurso:** “[...] *Visando mais a estabilidade [...]*”; “[...] *o lado profissional, da remuneração, de eu poder ajudar dentro da minha família, uma questão financeira [...]*”. Embora os fatores: estabilidade e financeiro aparecessem nas falas de todos os entrevistados, igualmente a necessidade de ser útil à comunidade surda, e o fato de se sentirem irremediavelmente atrelados às histórias de vida dos surdos na instituição, marcaram fortemente nesse questionamento: “[...] *eu cresci com os surdos, com os inspetores surdos, amigos de minha mãe... tem a falta de pessoas pra trabalhar com eles... não é ajudar, mas a gente acaba ajudando... acho que é defender a causa [...]*” ou “[...] *eu já trabalhava como intérprete aqui no INES... a notícia de que a terceirização iria acabar e o concurso iria abrir me deixou ao mesmo tempo animada, ao mesmo tempo nervosa[...] Não era só ser profissional intérprete no Instituto e sim, dar continuidade a uma história de vida... da minha família [...]*”; ou “[...] *meus pais me traziam nos eventos que tinham aqui, jogo de futebol, campeonato... eu vinha e era minha casa! Tô em casa... Então, fazer o concurso pra mim, aqui, era um sonho, não era só desejo profissional, de ganhar bem, enfim, estabilidade, não, eu queria... era um sonho! Eu queria tá aqui! [...]*” ou ainda, “[...] *eu fui ‘Jesus’, aqui, (risos), com oito meses de vida, minha mãe a gestação toda ela me trouxe e depois, eu comia no bandeirão, eu fazia aqui uma espécie de contraturno, vinha pra cá de manhã e depois à tarde, ia pra escola. Chorava pra ir pra escola! Queria ficar o dia inteiro, me matricular aqui, eu queria ser surda! Eu pedia até a Deus: ‘Deus tira a audição do meu ouvido. Eu quero ser surda’[...]*”.

b) **Quando começaram a trabalhar como intérpretes:** Todos se respaldaram e se descreveram como profissionais a partir de eventos familiares, com os pais, os amigos dos pais, no cotidiano familiar: “[...] *a gente, filha de surdos, tem essa vivência porque muitas vezes a gente assimila o assunto, depois senta com os nossos pais e passa. Quando a gente sai para interpretar, a gente interpreta ali, na hora. Não tem nem meio segundo pra pensar, então, a gente precisa dessa experiência [...]*” ou “[...] *eu com cinco anos eu me lembro,...*”

meu pai chegou pra um amigo dele surdo, e falou assim: ‘Eu tenho intérprete em casa! A minha filha é intérprete!’ ... Cinco anos. Aí eu fui no médico, com a esposa dele, quando cheguei lá, eu falei... Avisa... ela falou assim pra mim: ‘Fala pra ele que não... vermelho não veio’... ‘Ó, ela tá pedindo pra dizer que o vermelho dela não veio’ [...]” . Essa talvez seja a mais emblemática das situações relatadas, e num universo Coda há muitos relatos desse gênero, onde assuntos graves antecipam o amadurecimento destes filhos de pais surdos. Questões sobre ética, postura, também eram sentidas na pele de quem se colocava como mediador em lugares que exigiam um linguajar e um conhecimento mais formal: “[...] eu tenho um registro guardado dentro do meu currículo, quando começou a FENEIS, acho que em 1987, e não tinha nem papel timbrado para poder atuar dentro da Prefeitura, dentro do Conselho Municipal de Pessoas Portadoras de Deficiência... aí eu precisava dizer que eu sabia... proficiência em LIBRAS [...]” . A questão da formação ainda é o que mais repercute entre os Codas, que sentem a necessidade de acompanhar a evolução da língua de sinais, dos surdos que já frequentam os espaços acadêmicos. No depoimento de um deles, essa questão se atrela também às exclusões sofridas em ambientes onde a mais-valia já havia sido perpetrada pelos intérpretes não-Codas, mais experientes, diante dos Codas que chegam timidamente com seus enunciados familiares e simples: “[...] ‘Ah, o cara tá aqui porque é filho de pais surdos!’ Entendeu, então isso aí me incomodava um pouco. Relacionado ao INES, assim...tem uma valorização, tem um reconhecimento grande de ser filho de pais surdos. Mas, no meio dos colegas profissionais há um certo preconceito, né... achar que por ser filho de pais surdos você sabe tudo da língua de sinais, sabe tudo da cultura surda, e não é bem assim. Eu vejo diferente [...]” . O próprio conhecimento da língua é questionado pelo Coda, que sabe da necessidade de estudar e se aprofundar para exercer sua profissão com orgulho. A busca pela valorização vem sendo respaldada por fazerem parte agora, do corpo técnico do INES, talvez por ser um lugar das pessoas surdas que estão igualmente conquistando esse espaço acadêmico. Há um relato interessante demonstrando esse vínculo, dos Codas com os surdos: “[...] uma vez estudando numa escola da rede municipal de educação, próximo, na rua das Laranjeiras...aquela coisa de adolescente, com ‘bullying’ e me chamavam de ‘Chispita’. Puxavam meu cabelo, e eu dizia que eu ia chamar meus amigos surdos que ficavam em frente ao INES pra me defender deles, né... aí eles pararam (gargalhadas)” . A entrevistada narra se sentir mais protegida dentro do INES que fora, de que os surdos eram os seus guardiões.

c) **O Coda seria um intérprete nato? O que seria ser Coda?** De acordo com Woodward (2000), as identidades são reivindicadas por meio do apelo a antecedentes históricos. Os Codas têm em comum com os surdos, não só a língua, mas, as vivências argamassadas desde seu nascimento, desenvolvidas nas Associações, nos eventos festivos e culturais, numa sorte de situações estreitando cada vez mais as relações. Talvez seja esse o caminho realizado por cada filho de pais surdos na afirmação de suas identidades. Quando perguntados, se poderiam ser considerados intérpretes natos: “[...] *Depende... depende das pessoas... acho que tanto uma pessoa que não é filha de pais surdos, como eu conheço vários intérpretes que são maravilhosos, também acho que muitos filhos de pais surdos são maravilhosos interpretando... eu acho que o Coda, ele tem uma vantagem por já nascer dentro da cultura do surdo [...] Nato, nato, não sei. Meu irmão nunca teve interesse, né, eu, já depois que comecei a trabalhar, passei a me interessar. Talvez, o certo é que nem todo mundo nasce com a vocação [...]*”. O relato traz a questão de que ser Coda, no INES, talvez seja um mérito, enquanto que fora desse espaço, seja diferente. Outra entrevistada diz que, o fato de estar hoje trabalhando no INES seria uma espécie de resgate espiritual dos traumas vividos no passado, pois cada espaço da instituição está em suas lembranças e reencontrar outros Codas trabalhando faz sua felicidade: “[...] *eu não acho que só por que eu sou Coda, que eu tenho assim, esse domínio da língua de sinais, né... eu já vi muitos filhos de surdos que não aceitaram muito bem essa questão dos pais serem surdos e se negligenciaram de não querer aprender a língua de sinais [...]*”. A pergunta trouxe à tona outra questão sobre o fato de ser Coda, no despertar no outro (o surdo) a confiança, quando procuram os Codas, por causa de seus filhos que manifestam vergonha por serem filhos de quem são: “[...] *Olha, preciso de você! [...] eu quero muito que você converse com meu filho, que é ouvinte, e eu sou surdo... ele tem depressão, parece que ele tem vergonha de mim... eu não queria que meu filho sentisse isso... eu quero que meus filhos tenham orgulho de ser Codas!*”. Ser Coda para alguns não garante a proficiência, apesar das expertises em lidar com a surdez, com a comunidade surda, com a língua de sinais: “[...] *Sim, a gente precisa muito da técnica... precisa da teoria, por que eu nunca tinha tido aula. Então, comecei a interpretar, senti: ‘Poxa! Tá faltando alguma coisa. Vou pra uma sala de aula estudar, aprender’. Então, a primeira vez que eu fui para um curso de formação de intérprete, eu falei: ‘Caraca! Tudo que eu faço tem nome’ ou seja, tudo o que o professor tava falando eu já sabia fazer, eu só não sabia que tinha aquele nome, tinha uma nomenclatura, tinha regra, tinha norma. Eu não sabia [...]*”.

Para além dos muros absurdos

Durante as entrevistas com os Codas, meus pares tanto na vida, quanto na profissão, evidenciou-se o quanto cada um se dispõe em estar de acordo consigo mesmo. Tanto na função de traduzir e interpretar, como na representação de si próprio *não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos* (HALL, 2000, p.109). O filósofo e escritor francês, Albert Camus (1913-1960), também um Coda, nos fala de um *homem absurdo*⁵ surgido do convívio simultâneo em e nas situações de naturezas contraditórias. O absurdo não está no *ser* ou no *não ser*, e sim, na capacidade de enfrentar situações distintas, Ser Coda e ser tradutor-intérprete são identidades que se constroem dentro dos discursos, nos locais históricos e institucionais específicos, nas práticas e estratégias específicas. Estamos assim, nos (re) inventando como pessoas e como profissionais.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1995.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos*. 17ª ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.

CLOT, Yves. *A Função Psicológica do Trabalho*. Tradução de Adail Sobral. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

FONTANELLA, Bruno J. Barcellos, **CAMPOS**, Claudinei J. G. **TURATO**, Egberto Ribeiro. Rev. Latino-Am. Enfermagem vol.14 n°. 5. Ribeirão Preto Set./Out. 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença - a perspectiva dos estudos culturais*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p.103-131.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina: Contos*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1998.

QUADROS, Ronice M. de, **PERLIN**, Gladis T. O ouvinte o outro do outro surdo In: *Anais do II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais*. Florianópolis: Fapeu-002 v.1. p. 617-634, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.), **HALL**, Stuart e **WOODWARD**, Kathryn. *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre cultura surda*. Florianópolis-SC: Editora da UFSC, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p.7-72.

⁵ Metáfora sobre a vida moderna do operário ou o empregado, que trabalha todos os dias em sua vida, executando as mesmas tarefas, destino não menos absurdo que o vivido por Sísifo, personagem da mitologia grega, condenado a uma tarefa diária em empurrar uma pedra até o topo da montanha, e antes de concretizar, por meio de uma força irresistível, a vê rolando montanha abaixo, fazendo-o repetir a ação. Fonte: Wikipédia, acessada em 10/10/2014.